

Os quadros

que o

Museu não tem

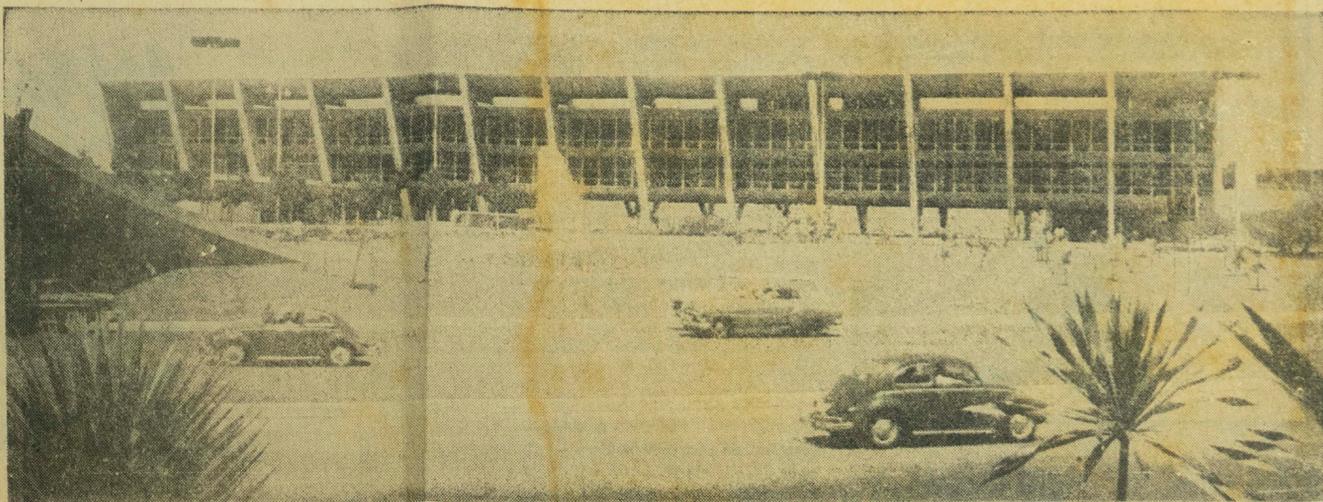
Não se trata de museu convencional, o nosso Museu de Arte Moderna; não se trata de museu cuja finalidade maior é constituir uma pinacoteca — já sabemos disso, temos repetido isto há muitos e muitos anos, já todos compreendemos isto, já todos aprovamos a fórmula de incentivo à criação adotada pelo Museu de Arte Moderna. Mas, de qualquer maneira, é um museu que destina a maior parte do seu espaço para o seu acervo de obras, tenta enriquecer este acervo, e, de quando em quando, exhibe ao público (antes, havia um plano de exposição permanente de uma parte do patrimônio, e outra para mostras temporárias).

Ora, um museu no qual tem labutado um número mais do que considerável de bons artistas brasileiros, um museu que já contribuiu de modo decisivo para a formação de não poucos destes artistas, ao expor sua coleção de arte brasileira deveria mostrar algo bem mais informativo, mais intenso e mais representativo do que o que lá se vê, sob o título de acervo nacional do Museu. Há muito não viamos esse conjunto.

Por duas razões distintas e importantes, a mostra do acervo nacional do Museu é francamente decepcionante, para não dizer alarmante: a ausência de artistas, que não podiam deixar de estar ali presentes, e a qualidade abaixo do normal das obras de diversos artistas representados. Reconheça-se que a crítica aqui feita é severa e ponderável; mas reconheça-se, também, que é a devoção ao Museu e a plena consciência do papel ímpar que ele, inevitavelmente, desempenha na vida artística da cidade e do País, que exige uma crítica assim, franca e construtiva. Qualquer atenuação ou disfarce da realidade injustificável, contra a qual ela se volta, só poderia resultar em uma atenuação também do apelo, em última análise, constituído por esta mesma crítica. Porque esta crítica é, sobretudo, um apelo, como nos tempos das primeiras lutas, quando Diretoria, Conselho, sócios e amigos trabalharam unidos e feroces em favor da construção da sede, da formação do acervo, da dinamização do ideal de cultura que o Museu catalisaria.

Recentemente, ao comentarmos a triste situação que levou o Museu de Arte de São Paulo a desfalar o seu acervo, para o saldo de dívidas, lançamos nosso apelo à iniciativa privada, à doação de particulares. Foi tal gênero de doação que tornou possível a inacreditável coleção do Museu Chateaubriand, e tornou possível, também, grande parte da existência do nosso Arte Moderna. A simples constatação da deficiência inaceitável do acervo nacional que chamamos, há pouco, num texto para o Livro do Rio, "o monumental Museu de Arte Moderna, que sintetiza o ideal artístico da cidade", funciona como um apelo, que leva os mesmos endereços. É claro que o significado do Museu de Arte Moderna, embora todo especial para o Rio, irradia-se de maneira irresistível para o resto do País, para o resto do Continente latino-americano. Valeria a pena lembrar — embora isto possa parecer muito prosaico — que as doações ao nosso Museu podem ser descontadas do Imposto de Renda, que os doadores recebem títulos honoríficos, que sempre se trabalhou nesse sistema, tanto no Museu do Rio como em todos os museus do País e do mundo, com as raras exceções dos países mais desenvolvidos?

Parece que andamos em fase de exposições inexistentes. Parafrazeando o título da mostra



Jayme Mauricio

de Israel Pedrosa no IBEU, poderíamos fazer uma "Lista dos Artistas Inexistentes", que deveriam figurar no acervo ora em exposição, mas lá não estão. A lista é impressionante; fazem parte dela simplesmente quatro dos maiores responsáveis por todo o movimento de implantação e continuidade do modernismo no Brasil: Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Alfredo Volpi e José Pancetti. E mais, Milton Dacosta, Emeric Marcier, Mira Schendel, Danilo Di Prete, Marcelo Grassmann, Frank Schaffer, Clóvis Graciano, Rubem Valentim, Brecheret, Raimundo de Oliveira, Tomie Ohtake... a lista é ampla. E os jovens, que já não são mais dúvidas, mas realidades, como Wesley Duke Lee, Fernando Lemos, Kosuno, Waldemar Cordeiro, Gastão Manoel Henrique, Geraldo de Barros, Luiz Sacilotto, Mauricio Nogueira Lima, Willys de Castro, Mário Gruber, Antônio Henrique Amaral, Roberto Aguiar, Wilma Pasquelles, João Câmara Filho, Umberto Esquindola, Chama, Antônio Maia e muitos outros que não vêm à memória.

Constituem minoria os artistas cujas obras, pertencentes ao Museu de Arte Moderna são representativas de sua melhor produção. Flávio de Carvalho, com um nu feminino, é uma das exceções: toda a força do pintor está presente; o Bicho, de Ligia Clark, se não é excepcional é representativo, mas esse artista, tão ligado ao Museu, deveria estar mais presente; é bom o óleo de Burtle Marx; Fayga Ostrower está muito bem representado, inclusive com um conjunto de sete xilogravuras de real impacto; uma negra arrebre de Fleury, aparentemente inspirada no período figurativo de Mondrian, é de suas melhores peças; a coleção goeldiana de Darel, também excelente; o painel em madeira de Palanqui, da testemunho de sua melhor atividade fora do seu campo maior, das projeções luminosas. Reconheça também os trabalhos de Piza, Flávio Shiro, Newton Cavalcanti, Yolanda Mohalyne, Almir Marignier está representado apenas por serigrafias, quando as permutações são importantes na carreira do "pintor", e não apenas do gráfico. Entre os nomes de consagração já histórica, Goeldi é, talvez, o que está em melhor situação. Segall, deficiente em número, está bem em qualidade. Quanto a Di Cavalcanti, um único óleo seu, que não chega a ser excepcional. Os poucos desenhos de Portinari não se destacam, no gênero — com uma só exceção, talvez; e seu único óleo (o outro está em restauração) figura entre as suas obras menos expressivas. Guignard, com um auto-retrato, quando sabemos que o Museu possui outros trabalhos. O óleo de Ismael Nery talvez não tenha o interesse dos seus desenhos e aquarelas.

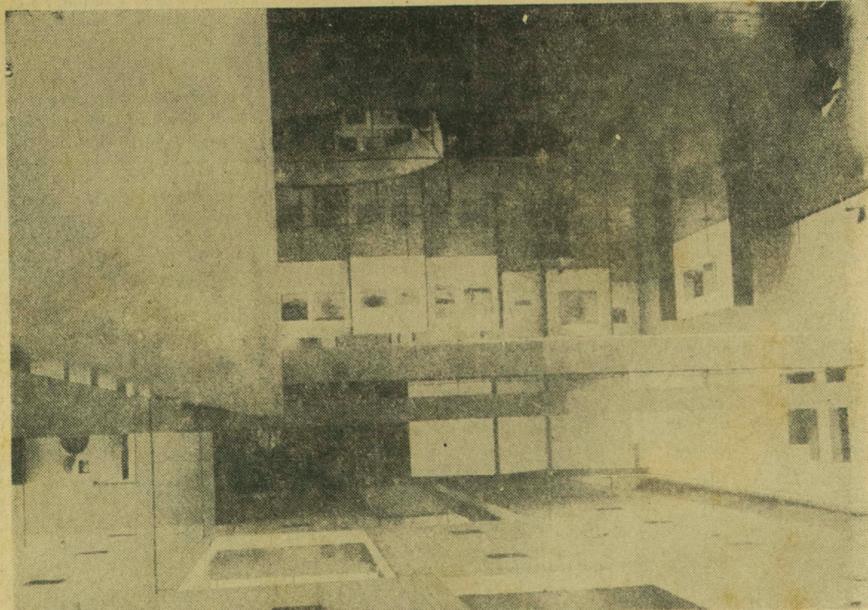
Não se compreende que os Ivan Serpa, do Museu, tenham sido expostos compreendendo uma só fase, que é tão múltiplo e sempre bom. Krajeberg, que não raro já acertou, em cheio em sua polivalente pesquisa plástica, está representado por um aspecto bastante limitado de sua obra, embora sejam, naturalmente, muito vigorosas e originais as suas gravuras em relevo. Manabu Mabe, talvez o mais irregular dos nossos pintores, também não está no Museu bem representado. É urgente que a representação de Ione Saldanha melhore com seus atuais bambus.

É inegável que chega a caracterizar-se na mostra presente uma pequena antologia da gravura brasileira. Se, entretanto, leia-se em consideração o que as atividades do Museu já representaram para o desenvolvimento desta técnica,

a pequena antologia parece, também, pobre demais, completamente fora de proporção com o que ela mesmo deve ao próprio Museu. O que lá se mostra de Anna Letícia, de Maria Bononi, de Marília Rodrigues, de Edith Bhering, de Delamônica, Rossini Perez, Vera Mindlin, Dora Bastilio, tem melhor posição.

A situação da escultura é a mais pobre de todas. Fora do "salão", propriamente, não anda nada, embora pudesse andar melhor. Maria Martins, Mário Cravo e as composições em pedra e plantas de Burtle Marx conseguem conferir um certo nível ao conjunto. O modelo de Bruno Giorgi para a sua grande peça em Brasília é, mais uma vez, algo que não fornece indicação suficiente do valor do escultor. O peixe branciano, de Cheschiatti, é fraco, sua Gavota deveria lá estar. Sobressai uma composição de Fernando Jackson Ribeiro; seu tamanho confere-lhe valor — conforme é quase sempre o caso com artistas imaginativos e cuidadosos. Mas a composição de Jackson obedece a uma planificação mais óbvia e fácil, em sua simetria, do que a maioria das outras peças do autor.

Voltemos ao tema inicial desta crônica. A escolha básica e inicial feita pelo Museu de Arte Moderna, o seu maior interesse em processos dinâmicos de incentivo à criação do que em acumulação de acervo, não o desobrigam de certos objetivos. O Museu, inevitavelmente, assumiu um caráter de tal forma representativo das artes plásticas (ou do pensamento plástico) contemporâneas, que é inconcebível que sua própria coleção destas artes não seja indicativa de sua situação. Se o próprio habitante da cidade, acostumado ao movimento artístico local e conhecedor das vicissitudes múltiplas do Museu de Arte Moderna, em fase de construção total ainda, espera, irresistivelmente, espera que o acervo do Museu seja um reflexor razoavelmente fiel deste movimento, que dizer do visitante que aqui chega, atraído tanto pela fama que o Museu justamente já conquistou quanto por sua esplêndida e espetacular instalação? É verdade que esta instalação encontra-se ainda incompleta, sofrendo carencias graves que urge atender. Mas, apesar disso, já é excepcionalmente imponente e convidativa; fala-nos de uma realidade já em grande parte concretizada e não mais de uma vaga promessa ou de um vago planejamento. A própria topografia da cidade parece convergir sobre o Museu — ou, ao contrário, parece dele esplendorosamente irradiar-se. Será difícil conseguir-se uma visão mais majestosa e potente do Rio, sob os mais variados aspectos, que a visão em torno do Museu, a visão que compreende o próprio Museu, integrada a seu magnífico paisagismo. Toda esta situação é parte também de seu acervo nacional, é óbvio. Como admitir-se tal distonia ou tal desproporção entre esta parte do acervo e outra, que ele abriga em seu interior? Como admitir-se que o próprio acervo internacional, embora estagnado há uns oito anos, esteja, porém, em média, melhor fundamentado do que o nacional? Vamos começar uma campanha, senhores. E como conselheiro da Casa, hoje mesmo encaminharemos doações de Di Cavalcanti, Gastão Manoel Henrique e Rubem Valentim.



O Museu de Arte Moderna do Rio precisa rever e aumentar o seu patrimônio. Começando pelo de casa, mais fácil — é só acionar dispositivos



Tarsila teve a maior exposição de sua vida no Museu de Arte Moderna e dela nada ficou — incrível